

Um aspecto fundamental desse livro refere-se à análise que o autor faz da Revolução Científico-Técnica (RCT), um tema recorrente desse autor e que ele o explora com mais profundidade em outras obras, principalmente em *Revolução Científico-Técnica e Capitalismo Contemporâneo*, de 1983, também editado pela Vozes. É em torno das interações entre a RCT e o processo de globalização da economia que o autor constrói a sua argumentação básica para analisar a posição da América Latina e Caribe diante das mudanças que estão ocorrendo no cenário internacional, bem como para propor caminhos alternativos para esta região, caminhos que passarão necessariamente por uma integração regional capaz de romper com o modo dependente e subalterno que tem caracterizado a sua inserção na economia mundial. Através da análise de projetos de integração, fracassados ou em curso, a exemplo da ALALC – Associação Latino-Americana de Livre Comércio e do Pacto Andino, o autor discute os limites e as dificuldades para se alcançar esse tipo de integração regional. Os últimos capítulos são dedicados a este assunto e constituem uma importante contribuição para o debate que atualmente se faz em torno do MERCOSUL e do NAFTA – Acordo de Livre Comércio da América do Norte.

Mesmo sem fazer concessões aos problemas que afetam a América Latina e o Caribe, o texto traz uma mensagem otimista, pois a crise de hegemonia no mundo contemporâneo, um aspecto importante da conjuntura internacional, favorece a negociação e, assim, essa região passa a ter “uma oportunidade única para afirmar a sua unidade sem chocar-se abertamente com a hegemonia americana” (p. 139). Concluindo, trata-se de uma obra importante e que estava faltando, não só porque estabelece um confronto com as teses neoliberais muito em voga no momento, mas principalmente porque continua o debate sobre o desenvolvimento sustentável, que teve na Eco-92, em julho de 1992, no Rio de Janeiro, um fórum de discussões privilegiadas.

THE JAPANESE POWER GAME: WHAT IT MEANS FOR AMERICA

de WILLIAM J. HOLSTEIN

New York: Penguin Books, 1991, 351 p.

por Gilmar Masiero, Doutorando em Administração na EAESP/FGV.



Na sucinta introdução ao *The Japanese Power Game*, Holstein declara que “... o que está em jogo não é nada mais nada menos que a modelagem do século XXI. Agora que os japoneses passaram os soviéticos, Estados Unidos e Japão são as duas maiores economias mundiais. Em toda a história, raramente duas sociedades com tão diferenciados valores têm se permitido tornarem-se tão interdependentes. Embora as duas possuam áreas de genuína cooperação, elas estão também engajadas em sérias confrontações. É mais que uma disputa econômica. É uma questão de quais regras e quais valores irão prevalecer. Então, como o jogo do poder é jogado internamente e como o Japão joga internacionalmente são importantes questões”.

Essas questões são respondidas em 351 páginas do melhor jornalismo mundial, organizadas em um livro composto de 23 subtítulos distribuídos em quatro partes: A sociedade poderosa; Escândalo; Na direção do futuro; Resposta americana. No final do livro, encontram-se dois apêndices com resultados de pesquisas sobre o que os japoneses pensam dos Estados Unidos e o que os americanos pensam da Empresa Japonesa. Na edição de 1991, um novo posfácio é publicado.

A visão americana média e de praticamente todo o Ocidente sobre o Japão do imediato pós-guerra até nossos dias é que o imperador japonês e sua força armada, numa desenfreada ambição de poder, expandiram sua área de ação nos anos 20 e 30 cometendo todo tipo de atrocidades, especialmente contra o povo coreano e chinês. Esta política expansionista culminou com o ataque à base naval americana Pearl Harbor, que foi de imediato respondido pelos Estados Unidos. Com o lançamento das bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki em 1945, o Japão deu-se por vencido e as Forças de Ocupação permaneceram naquele território até 1952. Os Estados Unidos ajudaram a reconstruir a sociedade e a economia japonesas através de vários mecanismos como a transferência tecnológi-

ca e a compra de seus produtos. Dessa forma, os japoneses devem favores aos americanos.

Uma outra visão alternativa a estes mesmos acontecimentos pode ser expressa por japoneses mais radicalmente nacionalistas. Para eles, o Japão tem-se desenvolvido rapidamente desde a tentativa de colonização, quando da chegada dos navios negros - Comodoro Perry, nos anos 50 do século passado. Os japoneses foram forçados a vencer os russos em 1905, e uma vez que se tornaram uma potência econômica nos anos 30, frequentemente contida por americanos e ingleses, desencadeou-se uma resposta militar. Um punhado de militares incoseqüentes atacaram Pearl Harbor ocasionando a entrada dos Estados Unidos na guerra. O presidente Roosevelt ordenou o lançamento das bombas atômicas sobre os japoneses e não sobre os alemães porque os americanos são racistas. O Japão trabalhou duro e das cinzas tornou-se novamente uma potência econômica, não devendo nada para ninguém.

Movendo-se entre essas duas simplificadas visões históricas, Holstein trabalha uma gama enorme de assuntos culturais, políticos, econômicos, administrativos e de políticas governamentais, para criar um amplo quadro explicativo da sociedade japonesa contrastada com a sociedade americana. Sociedade esta que vem perdendo sua liberdade pela crescente invasão dos interesses econômicos japoneses presentes em todo o mundo.

Ressaltando que suas viagens e pesquisas para a realização do livro foram financiadas por ele próprio, discute como os japoneses gerenciam os americanos; fundamentalmente financiando-os e/ou comprando-os; e lança um desafio à sociedade americana. O desafio consiste da busca de uma estratégia nacional que diminua as diferenças entre republicanos e democratas, entre conservadores e liberais, entre os amantes do Japão e os que o odeiam com o explícito objetivo de alcançar um balanço nas relações econômicas entre os Estados Unidos e o Japão. Esta estratégia seria o "Patriotismo Econômico".

Antes de chegar a esta proposição, Holstein analisa as principais características da sociedade japonesa em cinco itens da primeira parte: 1. Mudança, não mudança; 2. A difícil cultura; 3. Mulheres num mundo de homens; 4. Batendo na parede e 5. O prisma japonês. Chama atenção também para os desenvolvimentos e superficialidades de análises da sociedade japonesa quando esclarece "... que a razão para tanta confusão é que americanos e outros ocidentais tendem a se apoiar em símbolos que têm ecoado em suas próprias culturas e interpretá-los num contexto que tem pouco sentido ao que os próprios japoneses percebem estar acontecendo".

Após acurada análise das características da sociedade japonesa, o autor procura desvendar o "escândalo" que envolveu o governo japonês em disputas políticas e casos de corrupção ao longo da década de 80 eclodindo no seu final, o que ficou mundialmente conhecido como o

caso Recruit. Embora o escândalo tenha envolvido vários ministérios, Holstein descreve o reinado das telecomunicações como peça central do caso. Toda a trama envolvendo principalmente a NTT - Nippon Telegraph and Telephone e a Empresa Recruit é reconstituída nos seis itens da segunda parte: 6. O reinado; 7. Os desafiantes; 8. O ataque; 9. Tropeçando numa pedra pequena; 10. Os negócios de Uno e 11. Socialistas: um efêmero chamariz.

Discutindo a realidade japonesa e seus caminhos futuros nos aspectos mais estritamente ligados ao mundo dos negócios e da política, uma vez que os psicológicos, sociológicos e culturais foram analisados na primeira parte, Holstein elabora a terceira parte subdividida em: 12. A rolagem do sistema político; 13. Tendência nacionalista?; 14. Decolagem econômica; 15. Tornando-se global: valores; 16. Tornando-se global: exportando os *Keiretsu*; 17. Tem o investimento japonês criado igualdade? e 18. Gerenciando os americanos.

Todos esses itens são descritos possuindo como idéia central o poder do capital uma vez que "... se a força e determinação da economia americana são vistas como perdendo vigor, então os Estados Unidos perdem credibilidade. Esta é a maneira que o jogo do poder é jogado. Os fracos e falidos não recebem solidariedade no Japão, mas, sim, desprezo. Conseqüentemente, o futuro das atitudes e políticas japonesas está ligado com sua força econômica. Se nós temos o poder, nós estamos certos".

Uma vez apresentado os pontos fortes da economia e sociedade japonesas, seu atual estágio e intenções futuras, o mesmo é feito com a sociedade americana quando o autor discute a resposta americana através de: 19. Repensando o Japão; 20. Patriotismo econômico; 21. Política industrial congestionada; 22. Investimento: absorção dos benefícios, 23. Um futuro pacífico. Neste último item, Holstein discute a formação de um novo capitalismo, de um capitalismo de tipo asiático. No início do item, destaca uma opinião de 1905 de Theodore Roosevelt sobre o Japão quando afirma "...Ela é uma grande e civilizada nação; no entanto, sua civilização é em muitos e importantes aspectos diferente da nossa. Existem algumas coisas que ela pode nos ensinar e algumas coisas que ela pode aprender de nós". Pela discussão do capítulo e de todo o conteúdo do livro de Holstein, a opinião do presidente americano, após quase um século, ainda é verdadeira.

Aos que acreditam que a opinião de Roosevelt é verdadeira, *O Jogo de Poder Japonês* é de leitura indispensável. Os que compartilham da primeira visão sobre a sociedade japonesa, simplificada e exposta no início desta resenha, também devem ler todo o livro para entender o que este jogo significa aos americanos, e os que compartilham da segunda visão devem lê-lo para compreender o que este jogo significa para os japoneses. Dessa maneira, o livro de Holstein deve ser lido por todos que direta ou indiretamente fazem parte do jogo. □